

Operação amplia pressão sobre a Abin e expõe desavenças com a PF

REPÚBLICA DOS ARAPONGAS

NA CORDA BAMBA

Operação aumenta pressão sobre a Abin, ameaça diretor e agrava desavenças com PF

CAMILLA TERTILLI, JENNIFER GILARTE E SARAH TEÓFILO

As suspeitas de integrantes da Agência Brasileira de Inteligência atuaram para atrapalhar as investigações da Polícia Federal a um suposto esquema de monitoramento clandestino de autoridades reabriram uma crise entre as duas instituições e colocaram em xeque a permanência do número 2 da Abin, Alessandro Moretti. De acordo com a PF, ele comandou uma reunião com servidores em que afirmou que a apuração policial tinha cunho político e que "iria passar". Nos bastidores, porém, membros da agência sustentam que a Polícia Federal está distorcendo fatos.

No relatório enviado ao ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, a PF diz que "as ações realizadas pela alta gestão da Abin se mostram prejudiciais à investigação". Segundo a polícia, depoimentos de integrantes da agência indicam que a "DG", referência à Diretoria-Geral do órgão (departamento em que Alessandro Moretti está lotado), teria convencido de que "há apoio lá de cima". Não há detalhes a quem os servidores estavam se referindo.

A Abin nega qualquer irregularidade e diz que está colaborando com as apurações desde o início. Internamente, a percepção é de que a PF não apresentou elemento que comprove uma tentativa de blindagem aos investigados na ação.

GILMAR E MORAES

Deflagrada pela PF ontem, a Operação Vigilância Aproximada encontrou indícios de que servidores da agência monitoraram os ministros do STF Alexandre de Moraes e Gilmar Mendes, assim como o então governador do Ceará e atual ministro da Educação, Camilo Santana, e até a promotora Simone Sibilla, que era responsável pela apuração do assassinato de vereadores Marielle Franco (PSOL). A suposta arapongagem ocorreu durante a gestão do ex-diretor-geral Alexandre Ramagem (PL-RJ), hoje deputado federal e pré-candidato à Prefeitura do Rio.

A investigação da PF foi aberta no ano passado a partir de uma reportagem em que O GLOBO revelou que a Abin utilizou o software "FirsMilie" para monitorar brasileiros sem autorização judicial.

Após a operação, setores do PT passaram a defender nos bastidores uma mudança no comando da Abin. Segundo pessoas que conversaram com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva nas últimas ho-



Fripleite. A demissão do diretor-geral da Abin, Luiz Fernando Corrêa, é vista com ceticismo, pois não há prova contra ele

Disputa. O diretor da PF, Andrei Rodrigues, já tinha uma rixa com o chefe da Abin antes do avanço das investigações

ESCALADA DE DESAVENÇAS

Relação de desconfiança

O atual diretor-geral da Polícia Federal, Andrei Rodrigues, nutre desconfianças em relação ao número 2 da Abin, Alessandro Moretti, desde o período da campanha eleitoral. Moretti era diretor de Inteligência da PF quando Rodrigues comandava a equipe de segurança de Lula.

Vandalismo na diplomação

Um dos episódios que causaram insatisfação foram os atos de vandalismo promovidos por bolsonaristas radicais, em Brasília, no dia da diplomação de Lula pelo TSE. Rodrigues reclamou de não ter recebido informações de inteligência produzidas pela Polícia Federal.

Veto a cargo na França

Ao fim do governo de Jair Bolsonaro, Alessandro Moretti havia sido indicado para assumir o cargo de chefe da Polícia Federal na França. O ato de nomeação, no entanto, foi cancelado por Andrei Rodrigues assim que assumiu o comando da corporação.

ras, a permanência de Moretti, atual diretor-adjunto do órgão, está se tornando cada vez mais insustentável. A decisão sobre sua possível exoneração, entretanto, ainda não foi tomada. Ele já era visto com desconfiança por ter trabalhado com o ex-ministro da Justiça de Jair Bolsonaro, Anderson Torres. Mas seu nome foi afiançado pelo atual chefe da agência, Luiz Fernando Corrêa.

Procurado, Moretti disse que está de férias e não pode falar. Corrêa não respondeu aos contatos. A PF, por sua vez, não quis comentar.

Uma mudança na cúpula da agência, contudo, divide opiniões no governo e até mesmo entre membros do PT. Hoje, Luiz Fernando Corrêa foi diretor-geral da Polícia Federal durante o segundo mandato de Lula e costuma despachar assuntos estratégicos no Palácio do Planalto. A sua demissão é vista com mais ceticismo, pois ainda não veio à tona qualquer prova que justificasse a sua exoneração.

O episódio que agora antagôniza a Polícia Federal e a Abin é mais um no histórico de fissuras entre as duas instituições. A rixa passa pela disputa por protagonismo travada pelos chefes dos dois órgãos: Luiz Fernando Corrêa e Andrei Rodrigues, diretor-geral da PF.

A relação passou a ficar mais desgastada com o avanço das investigações conduzidas por policiais federais que atingiram integrantes da agência de inteligência.

Em outubro do ano passado, após reportagem do GLOBO revelar o uso indevido de um programa de monitoramento da localização de celulares, a PF divulgou uma operação na sede da Abin para coletar provas do caso. Naquela ocasião, o número 3 da agência, Paulo Maurício Fortunato, foi alvo da ação policial — e foi flagrado com US\$ 17,8 mil em espécie, recursos que, segundo ele, seriam oriundos de uma "poupança".

A pedido da PF, o ministro Alexandre de Moraes determinou o afastamento de Paulo Maurício do cargo de secretário de Planejamento e Gestão da Abin. O ex-integrante da agência de inteligência foi apontado como um dos suspeitos de operarem o sistema de espionagem da localização de celulares. Ele nega qualquer irregularidade.

Tanto a escolha de Paulo Maurício como a de Moretti foram questionadas durante a sabatina do atual chefe da Abin no Senado. Os dois nomes, porém, foram afiançados por Corrêa não só no Congresso como também para o presidente Lula.

O senador Renan Calheiros (MDB-AL) chegou a adiar por duas vezes a sabatina de Corrêa na comissão de Relações Exteriores, devido às escolhas dele para a diretoria da Abin, e marcou nova data após um pedido pessoal de Lula, enquanto os dois viajavam juntos pela Europa.

DELEGADOS NA MIRA

As resistências a Moretti também partiram do atual diretor-geral da Polícia Federal, Andrei Rodrigues, que nutre desconfianças em relação ao colega de corporação desde o período da campanha eleitoral. O atual número 2 da Abin era diretor de Inteligência da PF quando Rodrigues comandava a equipe de segurança de Lula e, mesmo assim, relatou nunca ter recebido relatórios sobre ameaças ao então candidato.

Outro episódio que aprofundou a rivalidade ocorreu no dia da diplomação de Lula, em 12 de dezembro de 2022. Na ocasião, um grupo de apoiadores de Bolsonaro promoveu atos de vandalismo no centro de Brasília e chegou a se dirigir para a região do hotel onde Lula estava hospedado. Também desta vez, Rodrigues não recebeu informações de inteligência produzidas pela PF.

Ao fim do governo de Jair Bolsonaro, Moretti havia sido indicado para assumir o cargo de chefe da Polícia Federal na França. O ato de nomeação, no entanto, foi cancelado por Andrei Rodrigues assim que assumiu o comando da corporação.

Após a operação de ontem, o governo tirou cargos de confiança de dois servidores da própria Polícia Federal que eram alvos da investigação. Ambos são delegados. Um deles é Carlos Afonso Coelho, que era coordenador do comando de aviação da PF. Também foi dispensado o assessor na Subchefia Adjunta de Infraestrutura da Casa Civil Marcelo Bormevet. As exonerações foram publicadas no Diário Oficial da União e atendem uma decisão de Alexandre de Moraes. Bormevet disse que falará à Justiça. Afonso Coelho respondeu as acusações da reportagem.



Corda bamba. Permanência de Moretti estaria se tornando insustentável

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Política Pagina: 4